

Pela milésima vez me preparo para ir visitar-te ao hospital. Passo uma água pela cara, penteio-me com os dedos, endireito o eterno vestido. Há muito que não me detenho no espelho. Sei que se me olhar não reconhecerei os olhos que me olham. Tanta vez já fui à visita hospitalar que eu mesma adoeci. Não foi doença cardíaca, que coração, esse, já não o tenho. Também não foi mal de cabeça porque há muito que embaciei o juízo. Vivo num rio sem fundo. Os meus pés de noite levantam-se da cama e vagueiam para fora do meu corpo. Como se afinal tu continuasses a dormir a meu lado e eu me retirasse para outro quarto a meio da noite, como sempre fiz.

Hoje será como todos os dias: falarei contigo, junto ao leito, mas tu não me escutará. Não é essa a diferença. Tu nunca me escutaste. A diferença está na marmitta, que adormecerá sem préstimo na sua cabeceira. Antes, devoravas os meus preparados. A comida era onde eu não me via recusada.

Olho em redor: não mais a mesa posta te aguarda, pontual e perfumosa. Antes, não tinha horas minhas. Agora perdi o tempo. Debico em qualquer altura, encostada a um canto, sem toalha nem talheres. Onde eu vivo não é na sombra. É por detrás do sol, onde toda a luz há muito se pôs. Só tenho um caminho: a rua do hospital. Vivo só para um tempo: a visita. A minha única ocupação é o cesto quotidiano onde embalo os presentes para te levar.

Ao meu homem fizeram uma transfusão de sangue. Para mim, o que eu queria era uma transfusão de vida, o riso a entrar-me na veia até me engolir, cobra de sangue que me conduz à loucura.

Desde o mês passado que evito falar. Prefiro o silêncio, que condiz melhor com a minha alma. Mas o não haver conversa criou outro laço entre nós. Agora, pelo menos, já não sou corrigida. Já não recebo enxovalhos, ordens para me calar, para abafar o riso.

Já me ocorreu trocar a fala pela escrita. Em vez de um monólogo, escreveria cartas. Nas cartas, tu ganharias distância. Mais que distância: ausência. No papel, permitir-me-ia dizer-te tudo o que nunca ousei. Nessa carta, ganharia coragem e proclamaria:

*- Tu, marido, enquanto vivo impediste-me de viver. Não me vais fazer gastar mais vida, fazendo demorar infinitamente a despedida.*

Regresso a mim, ajeito no fatídico cesto o farnel do dia, fazendo de conta que tu me irás receber de riso aberto e apetite devorador. Já estou de saída para a minha rotina de visitadora quando, de passagem pelo corredor, reparo que o pano que cobria o espelho havia tombado. Sem querer, noto o meu reflexo. Recuo dois passos e contemplo-me como nunca antes fizera. E descubro a curva do corpo, o meu busto ainda hasteado. Toco o rosto e beijo os dedos. O cesto cai-me da mão, como se tivesse ganhado alma.

Então uma força aproxima-me do armário. Retiro dele o vestido preto queme ofereceste há vinte e cinco anos. Vou ao espelho e cubro-me, requebrando-me numa dança imóvel. As palavras desprendem-se de mim, claras e nítidas:

*- Estou ansiosa que tu morras, marido, para estrear este vestido preto.*

O espelho devolve-me a minha antiquíssima vaidade de mulher, essa que nasceu antes de mim e a que eu nunca pude dar brilho. Nunca antes eu tinha sido bela. Nesse instante, confirmo: o luto vai bem com os meus olhos escuros. Agora, reparo: afinal, nem envelheci. Envelhecer é ser tomado pelo tempo, um modo de ser dono do corpo. E eu nunca amei o suficiente. Fiquei sem idade, como a pedra que não tem espera nem é esperada.

E experimento, em vertigem, pose e lágrima. No funeral, o choro será assim, queixo erguido para demorar a lágrima, nariz empinado para não fungar. Dessa feita, marido, não serás tu, mas serei eu o centro. A tua vida apagou-me. A tua morte me fará nascer. Oxalá tu morras, sim, e quanto antes.

Deponho o vestido preto na mesa da sala, bato a porta e saio rumo ao hospital. Pela primeira vez, há céu sobre a minha casa. Na berma do passeio, sinto o aroma dos franjipanís. E só agora reparo que nunca te cheirei. Nem sequer o meu nariz alguma vez amou.

Na entrada da enfermaria, o millesimamente mesmo enfermeiro me aguarda. Uma sombra espessa-lhe o rosto. Diz-me:

*- O seu marido morreu. Foi esta noite.*

Eu estava tão preparada, aquilo já acontecera tanto, que nem procurei amparo. Depois de tanta espera, eu já queria que sucedesse. Mais ainda depois de descobrir no espelho essa luz que toda a vida se sepultara em mim.

Saio do hospital à espera de ser tomada por essa nova mulher que em mim se anunciava.

Ao contrário de um alívio, porém, acontece-me o desabar do relâmpago sem chão onde tombar. Em vez do queixo altivo, do passo estudado, desalinho-me em pranto. Regresso a casa pela rua fúnebre, passo desgrenhado, num cortejo solitário. Sobre a minha casa de novo se tinha posto o céu, mais vivo que eu.

Na sala, corrijo o espelho, tapando-o com lençóis, enquanto vou decepando às tiras o vestido preto.

Amanhã, tenho que me lembrar para não preparar o cesto da visita.